

# GUERNICA

Em vésperas do 70º aniversário do início da Guerra Civil em Espanha, o bombardeamento alemão a Guernica surge como o símbolo mais cruel e sempre presente dessa tragédia *TEXTO DE VALDEMAR CRUZ, enviado a Guernica*

Sobre a cabeça de Pedro Baliño, 86 anos, repousa uma boina basca. Não lhe afecta a constância do sorriso e oferece-lhe pretexto para a exibição do traço de identidade, ostenta-



mento de uma povoação aberta.

Maria de Jesus Cava, directora do Departamento de História da Universidade de Deusto, Bilbao, e coordenadora do livro *Memoria Colectiva del Bombardeo de Gernika*, admite

do com orgulho. Tinha 10 anos a 26 de Abril de 1937. Nesse dia, do alto de um monte onde se refugiara, assistiu ao desabar do inferno sobre a sua Guernica natal. Era segunda-feira, estava sol e o mercado da vila guardiã da simbologia das liberdades bascas fervilhava de gente. De súbito, a meio da tarde, os sinos tocam a rebate. Quem pode foge. Quem pode abriga-se. Os guerniquenses ainda não o sabem, mas está prestes a começar um dos mais hediondos episódios da Guerra Civil de Espanha, iniciada em Julho de 1936. Ao longo de três horas, quatro dezenas de aviões pilotados pelos alemães da Legião Condor vão bombardear uma povoação aberta e indefesa. Lançam 50 toneladas de bombas explosivas e incendiárias. Arrasam a vila. Para trás deixam um rasto de terror e morte. Depois deste episódio, muitas outras cidades foram bombardeadas em muitas outras guerras. Porém, Guernica marca a História. Transformou-se em símbolo mundial da paz e de recusa da guerra.

Em vésperas de mais um aniversário sobre aquele dia, Baliño guia-nos pelos locais presos à sua memória. É um dos raros so-



FOTOS DE ÉPOCA CEDIDAS PELA FUNDACIÓN MUSEO DE LA PAZ DE GUERNICA

breviventes que restam e um dos poucos ainda disponíveis para falar de um passado que, de tão reprimido e adulterado, quase chegou a ser esquecido. Tranquilo, com voz pausada, deixa cair o olhar sobre um parque onde brincam crianças, sobre a rua onde se cruzam mulheres, sobre os prédios que preenchem outros espaços da sua memória, sobre a cidade que parece já passar indiferente às sequelas da tragédia, e recorda que aqui havia um refúgio, ali não sobrou uma parede de pé. A exceção foi para a célebre árvore de Guernica e pa-

ra a Casa das Juntas, onde se reuniam, nos Foros, os povos de Biscaia, para debater e resolver problemas comuns.

Guernica é ainda hoje um dos maiores enigmas da Guerra Civil. Passaram 69 anos, mas só nos finais da década de 70, mais de 40 anos após os bombardeamentos, começou em Espanha a ser desmontada a versão oficial do franquismo, prontamente seguida pelo Portugal de Salazar, segundo a qual a vila basca não fora bombardeada, mas sim incendiada e destruída pelos republicanos «rojos» em fuga. Ao

longo de décadas foi construída uma complexa teia desculpabilizadora, ao ponto de ainda nestes primeiros anos do século XXI permanecerem em aberto discussões infundáveis sobre a natureza do bombardeamento, se o número de mortos ficou em pouco mais de 100 ou ultrapassou os 1500, se há uma exclusiva responsabilidade dos alemães por uma acção que até seria desconhecida de Franco, ou, até, porque é que os governos democráticos recuaram quando se tratou de proceder à condenação internacional do bombardeamento.

que «só nos tardios anos 70 se começou a falar mais a sério de Guernica, através da acção de diversos grupos políticos e de historiadores que quiseram desmantelar o mito falsário» que entretanto se construíra.

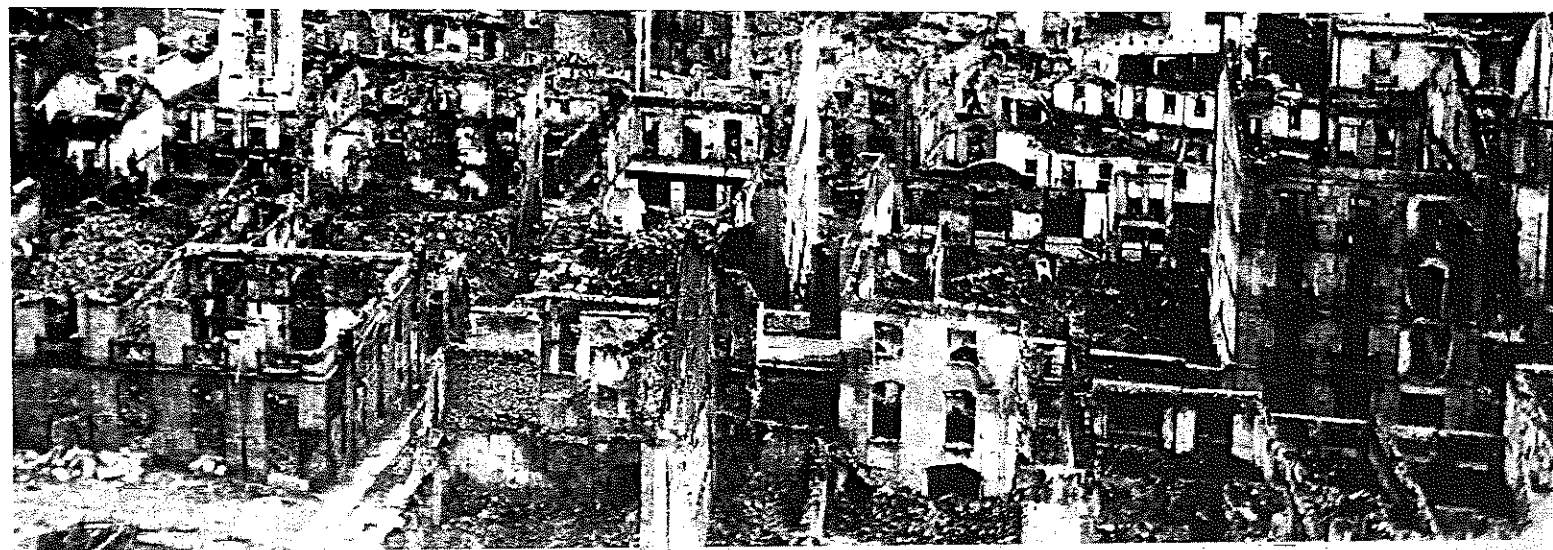
Todos sabiam que mal se calaram os aviões da Legião Condor uma nova batalha irrompeu. De alguma forma ainda perdura, embora não seja alimentada com balas ou morteiros, mas marcada pelo barulho ensurdecedor com que, através da manipulação da imprensa a nível mundial e da acção de alguns historiadores neofranquistas, se pretendeu criar o silêncio à volta do martírio de Guernica. Historiadores como Herbert Ruitledge Southworth, autor de *La Destruccion de Guernica: Periodismo, Diplomacia, Propaganda e Historia*, sustentam que, «sem a presença de correspondentes estrangeiros em Bilbao na noite de 26 para 27 de Abril de 1937, o acontecimento de Guernica não teria aparecido tal como o conhecemos hoje». Provavelmente, nem sequer seria conhecido.

Quando as bombas começaram a cair sobre Bagdade e quan-

com a cidade basca, está longe de ter sido o detonador do mito.

Na verdade, o conhecimento internacional do bombardeamento de Guernica deve muito a uma sucessão de acasos, o mais importante dos quais terá sido a circunstância de naquela noite estarem em Bilbao quatro jornalistas profissionais: George Lowther Steer, do «Times», Noel Monks, do «Daily Express», Christopher Holme, da agência Reuters, todos de Londres, e Mathieu Corman, correspondente do «Ce Soir», de Paris. Havia ainda — e este é um dado importante para a sequência das notícias em Portugal — o correspondente da francesa agência Havas, o espanhol Fernando Fernández Fontecha.

As primeiras informações sobre os horrores do bombardeamento surgem em Inglaterra na tarde do dia 27, mas é na manhã seguinte que se dá a explosão de indignação, quando os respeitados e conservadores «Times» e «New York Times» publicam o emocionante relato de George Steer, o mais reproduzido e comentado em quase todo o Mundo, mas sem qualquer eco em Portugal. O despacho é



longo, mas Steer, um repórter experiente que seguira já a guerra da Etiópia, tem a percepção imediata da dimensão da catástrofe e escreve: «Pela sua execução e pelo grau de destruição perpetrado, assim como pela eleição do objectivo, o bombardeamento de Guernica não tem exemplo na história militar».

Dá-se, então, um facto surpreendente. Em França, a agência Havas minimiza e quase ignora o que se passara do outro lado da fronteira. Ao mesmo tempo, o quartel-general de Franco utiliza uma panóplia de

meios radiofónicos e impressos para difundir a tese do incêndio provocado e negar a existência de forças aéreas estrangeiras em Espanha, muito menos alemãs.

A conjugação da atitude da Havas com a atitude negacionista do bando nacional é aproveitada até à exaustão pela imprensa portuguesa. A primeira referência do «Diário de Notícias» ao bombardeamento surge na página 4 da edição de 28 de Abril de 1937, numa altura em que em Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá e em vários países da América Latina já esta-

vam a ser dedicadas primeiras páginas e editoriais ao tema. Reproduz o primeiro telegrama da Havas, distribuído com atraso, com apenas 15 linhas e sem informações essenciais. Em antetítulo, escreve: «Os 'vermelhos' sob metralha». O título principal é, em letras maiúsculas, «Um Milhar de Bombas», a que se junta o subtítulo explicativo: «Lançadas pelos aviões nacionalistas sobre a cidade basca de Guernica no decurso dum ataque aéreo». No corpo da notícia diz-se que «a aviação inimiga bombardeou Guernica durante oito ho-

ras. Os aviões arrojaram mais de mil bombas, muitas delas incendiárias». Mais adiante acrescenta-se que «os aviões chegaram a baixar à altura de 40 metros para melhor metralhar gente indefesa. (...) Desconhece-se o número de vítimas, mas afirma-se que na sua maioria são mulheres e crianças». Na página 5, o «DN» insere uma pequena nota «do correspondente da United Press» para revelar que «o bombardeamento de Guernica causou 800 mortos. A cidade está quase inteiramente destruída».

No dia seguinte, tudo >>

do a contestação internacional à intervenção norte-americana no Iraque começou a subir de tom, «várias televisões do Mundo exibiram imagens do quadro de Picasso para simbolizar o horror da guerra», recorda Yolanda Muñoz, 36 anos, uma mulher que não é de Guernica mas tem ali centrada a sua actividade profissional. A referência à obra de Picasso, que muitos bascos defendem dever ser transferida para Bilbao, tornou-se uma constante, ao ponto de a poderosa e gigantesca tela se ter transformado ela própria na imagem por definição dos horrores da guerra. De qualquer guerra. No entanto, o quadro de Picasso, ao assumir a condição de ícone, se muito contribuiu para a criação de uma intensa relação emocional



Nunca se saberá quantas pessoas morreram nos bombardeamentos de Guernica, negados durante décadas e ainda hoje minimizados



Quando se pergunta às novas gerações da região qual o significado, hoje, de Guernica, as respostas podem ser as mais surpreendentes. Posto perante a questão, o jovem António Basagaiti, do PP de Bilbao, responde com um enigmático: «Franco morreu». Outra atitude comum em múltiplos sectores da sociedade basca é a adoptada por Pilar Aresti, uma ex-senadora do PP, que se limita a esboçar um sorriso e despede-se com elegância. Tal como muitos habitantes de Guernica, prefere não falar.

Muitos bascos permanecem divididos entre o compromisso ideológico que durante anos e anos levou um dos sectores a tentar negar os bombardeamentos, ou pelo menos a sua importância, e a evidência que se lhes impõe de saberem que as bombas caíram mesmo e que até conhecem as suas sequelas.

Margarita Santodomingo, eleita do PP em Guernica, apresenta, desse ponto de vista, um testemunho exemplar. Garante ter de circular na cidade escoltada por dois guarda-costas,

## PEDRO BALIÑO

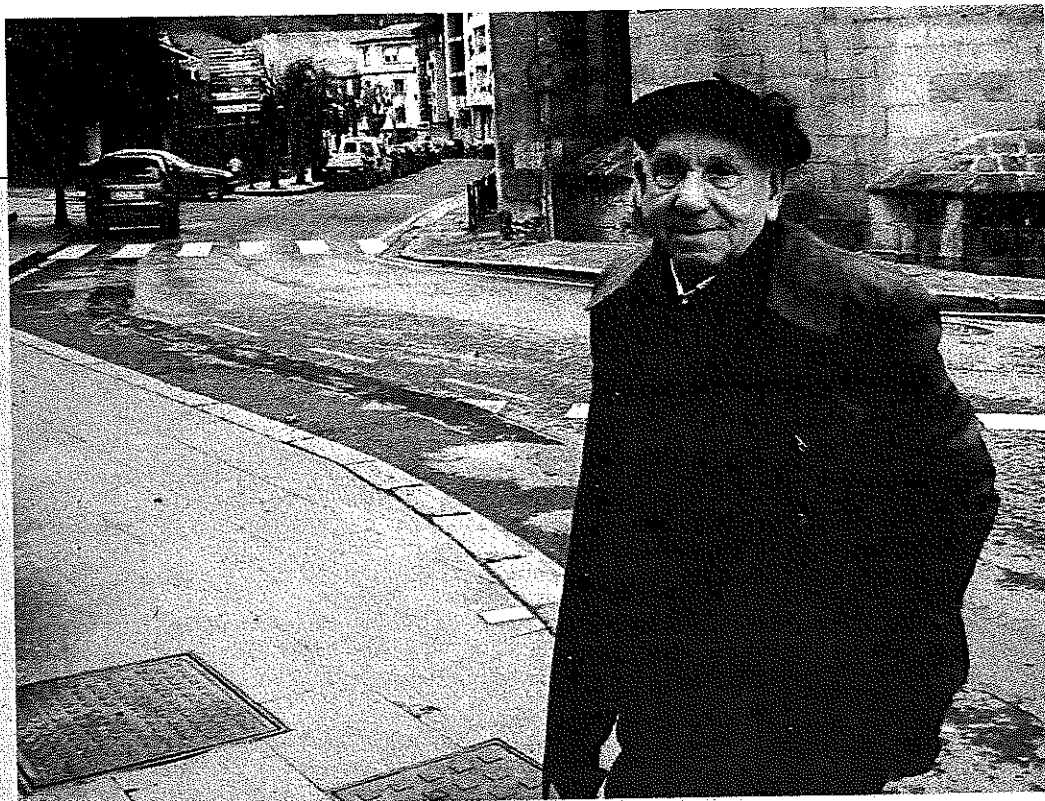
«Tinha 16 anos quando aconteceram os bombardeamentos de Guernica, que era uma terra muito pequena. Teria uns 5 mil habitantes, mas naquele dia 26 de Abril de 1937 estariam aqui umas 10 mil pessoas. Muitas casas tinham quatro, cinco e seis famílias, muitas delas refugiadas. Também tínhamos vários soldados chegados da frente. Nunca pensámos que a vila fosse bombardeada e, por isso, o bombardeamento apanhou-nos de surpresa. Quando vi a aviação, atravessei a vila e subi a um monte, a partir de onde vi tudo o que se passou. Não estive refugiado em nenhum buraco.

A aviação passava quase à altura das nossas cabeças. Foram bombardeamentos contínuos e massivos. Quando largavam a bomba, ouvia-se um assobio, e depois metralhavam a população. Era um barulho insuportável. Muitas das bombas só explodiram à medida que a vila ardia. Nunca tínhamos visto nada assim. É impossível descrever o medo. Tudo aquilo era terrível. Por volta das 19h30, decidi regressar à vila. À medida que descia do monte, fui vendo cadáveres. Um deles estava mefido debaixo da estrada. Não tinha

braços, nem pernas. Não me deixaram ir ao centro, porque estava tudo em chamas. No Asilo Calzada morreram 28 pessoas.

A meia-noite encontrei a minha mãe e a minha irmã, que julgavam que eu tinha morrido. Tive sorte, porque não morreu ninguém da minha família. Era impossível continuar em Guernica. Fomos para Bilbao, onde tinha um irmão que nos conseguiu um andar de umas pessoas que tinham fugido para Santander. Estivemos lá dois meses, e fiquei como voluntário da Intendência do Governo Basco. Mais

tarde, regressámos a Guernica. Estava tudo em ruínas. Só depois da guerra é que começaram a reconstrução, com os presos de França. A Rádio Sevilha, logo a seguir ao bombardeamento, dizia que Guernica tinha sido queimada pelos vermelhos separatistas. Essa mentira perdurou por muito tempo. Penso que o bombardeamento terá provocado, no mínimo, uns 300 ou 400 mortos. Só eu já tive na minha mão um relatório com mais de 100 nomes de pessoas concretas que morreram naquele dia vítimas das bombas.»



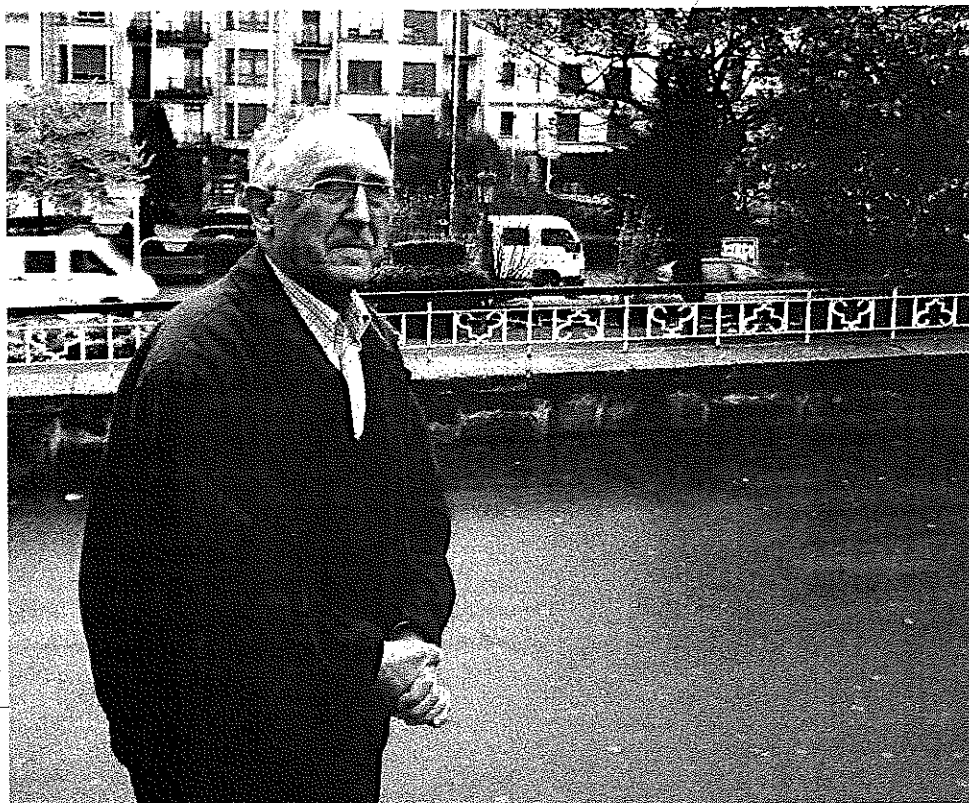
sabe do bombardeamento, conhece-lhe os horrores, mas esbate o efeito com duas perguntas, que deixa no ar: «E se fosse o outro lado a ganhar? Que barbaridades teriam sido cometidas?» Já Maria de Jesus Bergara, ligada ao Partido Nacionalista Vasco, filha de pai republicano, diz que «do que não se fala é como se não existisse». Sustenta que «Guernica é algo de indigno, e qualquer pessoa civilizada percebe isso. Como todos têm telhados de vidro, é melhor não atçar o fogo».

Mas a memória existe e persiste. Há feridas que não saram com o passar dos tempos. Podem não sangrar, mas estão lá. No ano passado, conta Pedro Baliño, esteve em Guernica o sobrinho de um dos aviadores da Legião Condor. «Veio pedir perdão», diz, emocionado, o velho basco. Sabe que o gesto é apenas simbólico, mas contribui para amenizar a dor. Uma dor que se torna mais intensa quando Pedro Baliño, como outros compatriotas, mantém a angústia alimentada pela convicção de que o Estado espanhol nunca fez muito para reparar a memória daquele desastre de guerra.

## LUIS IRIONDO AURTENETXEA

«Tinha 14 anos no dia do bombardeamento. Para nós, miúdos, o que se passava era como uma festa, porque estavam cá muitos refugiados. Eu e uns primos tínhamos de dormir noutra casa. Seriam umas 15h30 quando tocaram os sinos a rebate. A frente estava apenas a uns 14 quilómetros e passavam por aqui aviões todos os dias. Ao princípio, assus-

támos-nos e decidimos mesmo fazer alguns abrigos. Pelo ruído que se ouvia, os aviões voavam muito baixo. As pessoas assustaram-se e empurraram-me para o fundo de um dos refúgios, onde não havia nenhum tipo de iluminação. Lá fora ouviam-se as bombas a cair. Lá dentro não se conseguia respirar. As mulheres choravam, gritavam, des-



maiavam. Eu estava aterrorizado com a ideia de ser enterrado vivo, porque me lembrava que um dos refúgios tinha desabado quando o estavam a construir. Aquele primeiro bombardeamento durou uns 10 ou 15 minutos. Mal terminou, saí para ver o que tinha acontecido. Quando ia a sair da praça, volta a tocar o alarme. Toda a gente regressou ao refúgio, mas eu não. Esperei que entrassem todos, porque continuava com o medo de ser enterrado vivo. Preferia morrer com os tiros de uma metralhadora. Fiquei à entrada.

Ouvíamos os aviões e as explosões. O terror era imenso. A cada explosão sentia-se um ar quente a atravessar aquilo tudo. Provocou-nos muito medo. Vivi momentos de verdadeiro terror. O catecismo ensina-nos que, perante o perigo da morte, devemos rezar uma oração de arrependimento. Se a minha salvação eterna dependesse disso, eu estava desgraçado, porque nunca consegui terminar a oração. O ruído, as explosões, toda aquela gritaria nem me deixavam pensar. Ao sair do refúgio, fiquei aterrado. A povoação estava a arder. Atiraram bombas perfuradoras, que furavam os telhados, e depois bombas incendiárias. Eu só tinha um pensamento: fugir de Guernica. Já não me lembrava dos meus pais, nem de ninguém. Subi ao alto de um monte e fiquei a ver Guernica bombardeada e a arder. Tinha sido um dia limpo, sem nuvens, mas naquele momento estava tudo coberto pelo fumo.»